

O ecoturismo em Itacaré/BA na visão de atores sociais e comunidade local

*Alexander Klein Tahara (alexipatinga@yahoo.com)**

*Jaqueline Docílio Santos (kellydocilio@gmail.com)***

*Sandro Carnicelli Filho (sandro_unesp@yahoo.com.br)****

Resumo

O objetivo desta pesquisa quali-quantitativa foi investigar de que forma vem ocorrendo a prática do ecoturismo em Itacaré/BA, na visão de atores sociais envolvidos e da própria comunidade local. A entrevista semi-estruturada foi aplicada a uma amostra formada por 10 atores sociais, bem como o questionário aberto foi respondido por 80 moradores e, os dados coletados foram analisados descritivamente, utilizando-se a técnica de Análise de Conteúdo Temático. Os resultados indicam que determinados membros da população local vivem essa nova atividade econômica, embora desconheça o real significado do termo e não há um envolvimento mais abrangente com os atores sociais, os quais deveriam agir com ações mais participativas e efetivas ligadas ao tema, a fim de que em Itacaré/BA pudesse ocorrer o verdadeiro ecoturismo respaldado em seus princípios.

Palavras-chave: Ecoturismo; Atores Sociais e Comunidade Local; Itacaré/BA

Abstract

The aim of this quali-quantitative research was understand how the ecotourism is being developed in Itacare/BA according to the social actors and local community perceptions. 10 social actors answered the semi-structured interview as well as 80 citizens answered a questionnaire. Data was descriptively analyzed through the Analysis of Thematic Content. The results show that some members of the local community use these new activities as an economic activity, however they ignore the meanings of the term and they don't have a real engagement with the social actors. Besides that the social actors should act in a more participative way in order to develop, in Itacare/BA, a real ecotourism based in their principles.

Key-words: Ecotourism; Social Actor and Local Community; Itacare/BA



Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social



Introdução

A temática referente ao ecoturismo vem sendo analisada e compreendida de múltiplas formas, gerando divergências em análises, discussões e, com isso originando um mosaico complexo de concepções e práticas.

Nos últimos anos foram elaborados documentos e estudos (BARROS II e DE LA PENHA, 1994; CEBALLOS-LASCURÁIN, 2001; DIAS, 2003; MENDONÇA e NEIMAN, 2005; WEARING e NEIL, 2001; WWW-F BRASIL, 2003; entre outros), os quais se propõem a realizar debates e reflexões acerca deste segmento turístico.

Segundo Barros II e De La Penha (1994, p.19), em "Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo", realizada em parceria pela Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo) e Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), a definição de ecoturismo referenciada nacionalmente compreende:

... um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através de uma interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (BRASIL, 1994, p.19).

Nesta mesma ótica, Dias e Aguiar (2003) comentam que o ecoturismo não deve ser compreendido como somente uma viagem orientada para a natureza, mas também como uma prática econômica e social no sentido de melhorar as condições de vida das populações receptoras, ao mesmo tempo em que preserva os recursos naturais desta localidade.

Definir ecoturismo na atualidade e de uma forma produtiva, segundo Dale (2005), passa a ser um exercício de apresentar os "pontos" de ideias convergentes e integrá-los

de maneira a permitir a construção prática da atividade no cotidiano de todos os atores sociais (entidades governamentais, ONGs, iniciativa privada, agências operadoras, entre outros) que o implantam e gerenciam, atentando-se aos aspectos econômicos, socioculturais e ambientais, às vezes negligenciados por aqueles que planejam e executam as ações.

Muito foi escrito sobre ecoturismo em nível nacional e mundial, mas ainda não há um consenso universal sobre seu significado, devido, por exemplo, às distinções contraditórias na abordagem do conceito para cada grupo de interesse envolvido e às diferentes maneiras em que as atividades são oferecidas por uma variedade de atores sociais, bem como a forma em que são praticadas por uma diversidade ainda maior de turistas com diferentes aspirações e desejos.

O ecoturismo representa atualmente mais do que uma opção técnica em como explorar turisticamente os recursos naturais. Em alguns casos, presentes pelo mundo afora, as práticas ecoturísticas passaram a ser um estilo de vida e não apenas uma possibilidade de obter lucros com a atividade (DALE, 2005).

Partindo do ponto de vista de que ecoturismo representa um estilo de vida associado aos momentos de lazer de indivíduos e grupos, e não apenas uma atividade econômica, a sustentabilidade implica em questões mais complexas a serem coerentemente analisadas (comunidade local, natureza, desenvolvimento sustentável, entre outros) e pressupõe que os destinos a serem visitados devem proporcionar o mínimo de condições para que os ecoturistas possam desfrutar qualitativamente dos serviços ofertados e vivenciar sobremaneira seu tempo livre.

De acordo com Costa (2002), o Projeto "Pólos de Desenvolvimento do Ecoturismo no

* Docente do Curso de Educação Física da UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus/BA) e Membro Pesquisador do LEL - Laboratório de Estudos do Lazer (UNESP/Rio Claro).
E-mail: alexipatinga@yahoo.com

** Graduada em Licenciatura em Educação Física da UESC Universidade Estadual de Santa Cruz.
E-mail: kellydocilio@gmail.com

*** Doutorando pela University Of Otago, Nova Zelândia e Membro Pesquisador do LEL - Laboratório de Estudos do Lazer (UNESP/Rio Claro).
E-mail: sandro_unesp@yahoo.com.br

Brasil", realizado pela Embratur e pelo IEB (Instituto de Ecoturismo do Brasil), identificou características, potencialidades e condições de infra-estrutura nos locais onde o ecoturismo se apresentava como nova alternativa econômica de desenvolvimento. Para tanto, foram visitados 26 Estados brasileiros e, como resultado foram identificados 96 pólos, entre eles a Costa do Cacau/BA (com código de identificação BA-5), a qual abrange o território compreendido pela cidade de Itacaré/BA.

O governo Estadual da Bahia vem investindo na cidade, melhorando sua infra-estrutura, pavimentando ruas, construindo estradas e, assim, permitindo um acesso mais fácil e rápido, conforme ressalta Berenstein (2002). Complementa que no ano de 1998 foram concluídas as obras que permitiram o acesso de Ilhéus/BA (cidade mais desenvolvida da região e com um aeroporto operando diariamente) a Itacaré/BA, um trecho de 65 quilômetros de asfalto da Rodovia BA-001, a qual percorre parte do litoral sul da Bahia. Desta forma, vem ocorrendo um incremento cada vez maior no segmento turístico, o qual recebe anualmente milhares de turistas interessados em conhecer a região.

O município é pequeno, na maioria das vezes bastante tranquilo e, com este fluxo de turistas aumentado, a fim de vivenciar seus momentos de lazer, e a implementação do ecoturismo na cidade, justificou-se o interesse nesta pesquisa. Neste sentido, o objetivo foi investigar de que forma vem ocorrendo a prática do ecoturismo em Itacaré/BA, na visão de atores sociais envolvidos, e de que maneira a comunidade local absorve e/ou participa das atividades existentes ligadas ao tema.

Decisões metodológicas

Natureza da pesquisa

A pesquisa teve uma natureza quali-quantitativa, pelo fato da pesquisa

qualitativa possibilitar o emprego de algumas análises quantitativas e, pesquisas com métodos mistos, incluindo tanto aspectos qualitativos quanto quantitativos, têm se tornado comum no meio acadêmico-científico.

A pesquisa qualitativa não exclui a análise quantitativa e, combinando-se essas duas técnicas metodológicas há uma facilitação em ver pontos de convergência entre modelos diferentes, gerando informações significativas e extraindo dos dados o máximo de sentido possível (THOMAS, NELSON e SILVERMAN, 2007).

Creswell (2007) destaca que um estudo multi-método (quali-quantitativo) é aquele em que o pesquisador tende a basear seus pressupostos em campos pragmáticos, empregando estratégias que envolvem a coleta de dados tanto simultaneamente ou seqüencialmente para melhor entender os problemas de pesquisa. A coleta de dados envolve tanto informações numéricas quanto informações textuais, a fim de proporcionar uma melhor compreensão do universo pesquisado.

O estudo desenvolveu-se em duas etapas, sendo a primeira relativa à revisão bibliográfica, a qual focou a temática do Ecoturismo e, a segunda etapa correspondeu a uma pesquisa exploratória, para que se pudesse aproximar do universo pesquisado. Sobre a mesma, Marconi e Lakatos (2002) enfatizam que é uma pesquisa que objetiva a descoberta de idéias e discernimentos, além de familiarizar-se com o fenômeno obtendo uma nova concepção acerca do assunto.

Instrumento

Como instrumento para a coleta dos dados foi utilizada uma entrevista semi-estruturada contendo quatro perguntas abertas, aplicada aos diferentes atores sociais. Em relação à comunidade local, um

questionário aberto foi o instrumento usado para obtenção dos dados desta população.

A entrevista semi-estruturada, segundo Dencker (2002), tem algumas vantagens, pois permite explorar questões em que existem poucos dados ou informações disponíveis, permitindo ao entrevistado verbalizar livremente sobre o assunto expondo emoções. Além disso, outro aspecto favorável é que pode aparecer no decorrer da conversa alguma informação que não consta no roteiro de entrevista, permitindo ao pesquisador adicionar outros questionamentos que venham contribuir com os objetivos da pesquisa.

O questionário aberto permite ao inquirido construir a resposta com as suas próprias palavras, permitindo deste modo a liberdade de expressão e o recolhimento variado de informações sobre o tema em questão. Além disso, há a vantagem de poder ser aplicado a grandes populações e também no que tange ao anonimato nas respostas (MATTOS, ROSSETO JR. e BLECHER, 2004).

Convém ressaltar que, inicialmente, tanto a entrevista semi-estruturada como o questionário aberto foram apresentados a dois docentes especialistas na área em foco, para proceder-se à validação do instrumento a fim de verificar se atendem ou não às expectativas da pesquisa. Após análise das questões foi proposto, então, o instrumento definitivo, o qual foi aplicado pessoalmente pelos pesquisadores aos sujeitos do estudo.

Participantes

Os sujeitos do estudo foram 10 Atores Sociais (três órgãos especializados ligados ao governo do Estado da Bahia, responsáveis por gerenciar e fiscalizar as práticas ecoturísticas; três organizações não-governamentais que trabalham em prol do desenvolvimento sustentável e conservação do meio ambiente; e quatro empresas

operadoras de atividades de aventura), bem como 80 membros pertencentes à comunidade local, indivíduos adultos e moradores de Itacaré/BA, na faixa-etária entre 19 e 67 anos, de ambos os sexos e todos alfabetizados.

Torna-se importante frisar que pode ser notada a falta de órgãos públicos municipais, quando não se obteve possibilidades para uma entrevista com nenhum representante e, assim sendo, tais órgãos não se dispuseram a colaborar na pesquisa enquanto um ator social que está (ou deveria estar) diretamente envolvido no processo.

Procedimentos

Para dar início à pesquisa exploratória os pesquisadores fizeram um contato prévio via e-mail e telefone com os atores sociais na cidade de Itacaré/BA e, após retorno e confirmação da data para aplicação do instrumento, foram apresentadas as informações necessárias. Houve a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes e, assim foi dado início às entrevistas.

Em relação à comunidade local, primeiramente foi realizado um contato com a Prefeitura Municipal de Itacaré/BA, por meio da qual foi apontado o responsável pela Associação dos Moradores do Município, sendo este o interlocutor do pesquisador com os moradores. Desta forma, foi apresentado o Termo de Consentimento e, após assinatura, um questionário aberto foi entregue à população local, obtendo assim, os dados necessários para a pesquisa.

O tempo médio de duração das entrevistas com os atores sociais foi de 11 minutos e vinte e cinco segundos e o local de realização foi na própria sede destes estabelecimentos. No caso da comunidade local, seis minutos e dez segundos foi o tempo médio de duração para responder o questionário, sendo as mediações da própria

residência o local onde foi aplicado tal instrumento.

As informações das entrevistas fornecidas pelos participantes foram armazenadas utilizando-se um gravador Panasonic, modelo RN-305, transferidas para um computador, por meio do software NVIVO, transcritas na íntegra para facilitar a análise e o acesso às respostas completas.

Análise dos dados

Os dados coletados foram analisados descritivamente, por meio da técnica de Análise de Conteúdo Temático, a qual favoreceu a visualização apenas dos conceitos mais relevantes presentes nas falas dos sujeitos.

A Análise de Conteúdo Temático é um instrumento que permite a descrição, a análise, a compreensão e a classificação dos processos vivenciados, conforme evidencia Richardson (1999), assimilando o que é efetivamente relevante para o estudo em questão.

Os conteúdos foram categorizados como preconiza Bardin (2004), implicando na classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, em seguida, por analogia, com os critérios previamente definidos.

Tal categorização pode seguir aspectos semânticos (temas), sintáticos (verbos e adjetivos), lexicais (sentido das palavras) ou expressivos (perturbações da linguagem). Para este estudo, foi realizada a escolha da unidade de análise e se decidiu pela análise temática.

Complementando esta análise descritiva, as informações e dados coletados foram apresentados por frequência ou tabulação, no sentido de simplificar a interpretação e entendimento dos mesmos.

Oliveira (2001) enfatiza que isto se torna um fator interessante para melhor distribuição

e visualização da frequência de uma dada classe ou categoria, além da possibilidade de simplificar a maneira de visualizar os dados qualitativos, ilustrando estes dados de forma numérica e, com isso, facilitando a análise e interpretação dos mesmos.

Tabelas de frequência não são nada incomuns em estudos qualitativos, conforme demonstram Thomas, Nelson e Silverman (2007), onde normalmente as frequências são convertidas em porcentagens para mostrar a extensão de determinados comportamentos ou para fazer declarações comparativas entre o objeto ou fenômeno pesquisado.

Análise e discussão dos resultados

Em relação aos Atores Sociais e o tempo em que atuam em Itacaré/BA, percebe-se que a maioria (50%; n=5) está no município somente há 3 anos, ao passo que 30% (n=3) exerce atividades há mais de 4 anos. O tempo de atuação de 2 anos (10%; n=1) e 10 meses (10%; n=1) apresentaram resultados semelhantes.

No que tange ao entendimento e concepção do termo Ecoturismo por parte destes atores sociais, é perceptível a falta de conhecimento e diferenciação de estratégias metodológicas acerca da temática, conforme demonstra a Tabela 1.

Tabela 1. Concepção do termo Ecoturismo por parte dos Atores Sociais

Respostas	Número de Respostas (n)	Total (%)
Preservação de meio ambiente natural e oportunidade econômica com o ecoturismo.	04	40%
Diferenciação conhecimento da temática: valorização da natureza, cultura local, promoção econômica e sustentabilidade.	03	30%
Apenas preocupação financeira, desejo por lucro nestes cam- pos atividades.	02	20%
Idéias errôneas e contraditórias acerca dos princípios ecoturísticos.	01	10%

Estes dados ficam em evidência se comparados a fala de dois entrevistados, com concepções bastante distintas acerca do Ecoturismo:

S3: "... é uma forma de preservar o meio ambiente; o ecoturismo se mostra

como uma importante alternativa para a dinamização econômica de áreas protegidas. Serve também para render economicamente, tem que atrair cada vez mais turistas..."

S10: "... Itacaré imita um tipo de Turismo Ecológico, mas isso não é Ecoturismo. As empresas e hotéis utilizam-se apenas do termo para vender mais, mas pergunta se elas se preocupam com o lixo exagerado em nossa cidade? E o respeito à nossa população local? Isso que acontece hoje é o verdadeiro Ecoturismo?"

Segundo Meirelles Filho (2005), a maior parte dos planos e empreendimentos de ecoturismo reflete apenas as idealizações de seus responsáveis e, assim, muitos desconhecem que a beleza do ecoturismo está em possuir um conjunto de ferramentas aceitáveis na aliança entre conservação da natureza, valorização da cultura local e a promoção e desenvolvimento econômico.

Seguindo a lógica mercantil, no ecoturismo, muitas vezes, depara-se com atividades nem sempre comprometidas e que atendam às suas potencialidades, uma vez que a questão econômica imediatista sobrepõe-se aos aspectos ambientais, culturais e sociais, os quais devem ser prementes ao se pensar em um modelo ecoturístico.

Pensando de uma maneira mais holística, para muitos atores sociais a qualidade pode estar associada ao alcance de objetivos mais amplos, como garantir a segurança do cliente e preservar o meio ambiente natural e cultural, bem como atender aos interesses dos empregados do setor, os quais podem ser membros das comunidades locais (BENNET, FREIERMAN e GEORGE, 1994).

Diante do exposto acima, no que se refere ao alcançar uma plena compreensão de todos os envolvidos no processo do que

verdadeiramente seja o ecoturismo, recorro às reflexões propostas por Rabinovici e Lavini (2005), os quais afirmam que embora haja certos esforços do governo federal, as políticas públicas propostas têm sido tímidas e suas ações ainda tem pouca visibilidade. Evidenciam o mercado ecoturístico e a expansão do segmento, embora ainda não se estabeleça uma discussão mais abrangente e que envolva seus diversos atores sociais.

Quando questionados sobre a relação que estabelecem com a comunidade local, de acordo com a Tabela 02, percebe-se um equilíbrio nas respostas coletadas com os atores sociais.

Tabela 2. Relação Atores Sociais - Comunidade Local

Respostas	Número de Respostas (nº)	Total (%)
Realização de projetos esporádicos ligados ao tema e que envolvem a comunidade local.	03	30%
Utilização expressiva do mão de obra local e capacitações. Serviços e práticas realizadas aos visitantes.	03	30%
Pouca integração direta com a população local, apenas redirecionamento.	02	20%
Recrutamento de poucos mão de obra nativa, relação informal de prestação de serviços.	02	20%

Percebe-se que há timidamente na cidade determinados projeto e programas voltados para a comunidade, embora seja em um nível muito abaixo do ideal pensando-se em um ecoturismo onde se envolva satisfatoriamente os atores sociais aos nativos à localidade.

Os trechos das entrevistas a seguir ilustram bem esta situação do acontecimento esporádico de eventos para capacitação:

S1: "... existiram alguns programas de para capacitação dos conselheiros junto com algumas ONG's parceiras. Até onde eu sei o programa consistia basicamente na divulgação e sensibilização da população da APA em relação à unidade, seus fins em planos de manejo, zoneamento e co-responsabilidade da sua implementação efetiva."

S9: "Há algum tempo que não temos condições, nem infra-estrutura

básica, nem recursos humanos, nem suporte financeiro de quem deveria vir, por isso que a capacitação por meio de projetos está cada vez mais longe do ideal..."

Ainda são poucas as Unidades de Conservação que possuem planos implantados e muito deles são questionáveis, de acordo com Figueiredo (2002), evidenciando ainda que a população local é vista apenas como uma mão-de-obra barata para estas unidades, sem demonstrar uma preocupação maior com capacitações destinadas aos mesmos.

Ampliando a discussão, Lombardo e Casella (2002) esclarecem que é preciso engajar a comunidade local verdadeiramente em projetos e demais ações ligadas às atividades ligadas ao ecoturismo. Os autores citam o caso de Bombinhas/SC, onde o turismo foi de fundamental importância para a cidade, todavia, determinadas práticas ecoturísticas foram feitas de modo não planejado e pouco sistematizado, onde muitas vezes a cidade sofre, por exemplo, com a falta de cuidado com os recursos naturais e com um grande fluxo de pessoas sem muita consciência ambientalista e que podem comprometer substancialmente com a imagem negativa do local.

No que tange à fiscalização das ações empreendidas por parte de inúmeros estabelecimentos envolvidos com as práticas ecoturísticas na região de Itacaré/BA, a maioria dos atores sociais acredita que não há qualidade nestes atos, conforme demonstra a Tabela 3.

Para que o empreendimento de ecoturismo obtenha sucesso, um rigoroso plano de estudos deve ser preparado, revelando

Tabela 3. O Ecoturismo em Itacaré/BA e a Fiscalização das Ações

Respostas	Número de Respostas (n)	Total (%)
Praticamente não há fiscalização das ações empreendidas no município; há muitas dificuldades para integrá-las	05	50%
Não há pessoas que possam auxiliar a fiscalização e a demanda de recursos humanos e financeiros é alta	03	30%
Fiscalização restrita ao local onde realizam as atividades, com utilização de recursos próprios para tal fim	01	10%

os elementos naturais e culturais a serem desvendados, os planos econômicos e seus orçamentos, a capacidade de suporte de visitas e o processo de fiscalização das atividades desenvolvidas, entre outros (MEIRELLES FILHO, 2005).

A fala de um ator social reconhece que não há na cidade uma fiscalização efetiva sobre a prática:

S4: "Não existe uma fiscalização sistemática do Instituto de Meio Ambiente da Bahia nesta Unidade. Além disso, a Unidade de Conservação enfrenta problemas relacionados à falta de estrutura adequada, insuficiência de pessoal. Ao mesmo, se faz necessária uma imediata fiscalização e controle do espaço protegido, já que ações de desmatamento, caça e retirada de madeiras continuam a ocorrer no interior da Unidade."

Rojas (2002) salienta que não é fácil tal fiscalização, isso dependerá, em sua concepção, de como as normas de manejo tanto das áreas protegidas quanto das áreas destinadas ao desenvolvimento urbano ambiental estão sendo usadas e se efetivamente estão sendo respeitadas, além disso, dependerá também da existência de autoridades que sejam capazes de fazer com essas normas sejam realmente cumpridas.

Percebe-se que em Itacaré/BA os órgãos públicos do município são pouco ativos com relação à prática, uma vez que há o interesse em relação ao assunto, embora não saibam mensurar o desenvolvimento com a solução de problemas gerados por essa nova alternativa econômica. A fiscalização deveria, por exemplo, ser intensa em determinados locais onde há um número muito maior de turistas do que a real capacidade de carga, ou mesmo em algumas agências que operam com inúmeros veículos motorizados de grande porte em ambientes e trilhas

frágeis onde deveria ocorrer somente o trekking.

Ceballos-Lascuráin (2001) afirma que as áreas naturais, em especial aquelas protegidas legalmente, assim como os elementos culturais existentes, constituem grandes atrações, tanto para os habitantes dos países que possuem tais áreas como para turistas de todo o mundo. Salienta, ainda, os inúmeros danos e impactos que um ecoturismo mal-administrado, sem controle e fiscalização, pode provocar no patrimônio natural e cultural do planeta.

Em relação aos impactos - positivos e negativos - gerados a partir das práticas ecoturísticas na cidade, conforme ilustra a Tabela 04, atesta-se novo equilíbrio nas respostas coletadas. Convém ressaltar que alguns sujeitos responderam uma série de aspectos e, desta forma, os percentuais foram baseados considerando-se o número total de vinte e cinco respostas referentes aos diferentes impactos citados pelos dez sujeitos da pesquisa.

Tabela 4. Impactos do Ecoturismo em Itacaré/BA na visão dos Atores Sociais

Respostas	Número de Respostas (n)	Total (%)
Geração de empregos para a comunidade e diversificação do economia local	07	28%
Deterioração do ecossistema local, muita poluição nas ruas e praças	05	20%
Resposta em que engloba todos os impactos positivos e negativos citados nesta questão	04	16%
Adensamento urbano e lotificação, descaça com a questão do lixo urbano, especulação imobiliária	03	12%
Aumento da violência, prostituição e uso de drogas	03	12%
Maximização dos lucros por parte de alguns estabelecimentos ligados ao turismo	02	8%
Melhoramento dos serviços de saúde e transporte	01	4%

Como a atividade desenvolveu-se rapidamente, os impactos são inevitáveis - sejam eles prós ou contras.

Costa (2002) elenca uma série de impactos positivos do ecoturismo, tais como estímulo de indústrias domésticas rentáveis, melhoramento de serviços locais em geral e diversificação da economia local, ao mesmo tempo em que enumera os impactos negativos de um ecoturismo mal planejado e sem gerenciamento, como estimulação do comércio ilegal de animais e plantas, causa

poluição e estresse ambiental e atrai empreendedores inescrupulosos, com finalidade de lucro rápido e pouco interesse pela conservação do meio natural.

A entrevista de um sujeito evidencia uma reflexão bastante crítica sobre o avanço de Itacaré/BA enquanto destino ecoturístico, embora não tenha deixado de obter inúmeros problemas para o desenvolvimento da cidade:

S2: "Ao mesmo tempo em que houve uma impressionante dinamização econômica, o crescimento desordenado da atividade turística trouxe alguns problemas como fluxo migratório regional para o município, resultado do declínio da atividade cacauieira nas imediações de toda e região e da grande exposição do nosso destino na mídia em geral; ocupação desordenada dos espaços urbanos e naturais, principalmente por construções irregulares e invasões; aumento da violência, principalmente o tráfico de drogas e os assaltos até mesmo entre os moradores; degradação ambiental, em consequência do aumento da geração de resíduos sólidos (lixo) e líquidos (esgotos) sem o devido tratamento ou destinação; especulação imobiliária e consequente saída dos moradores tradicionais das áreas de maior interesse turístico (para visitação ou instalação de equipamentos turísticos)".

Partindo desta opinião exposta acima, Kinker (2002) elucida que o impacto na comunidade pode ser significativo, mesmo que os ecoturistas não gastem grandes quantias financeiras. Propõe que a avaliação destes impactos deve levar em conta os indicadores sociais, a qualidade de vida desta comunidade, número de empreendimentos locais, participação em programas de capacitação, crescimento do turismo e investimentos em infra-estrutura básica. Tudo isso permitirá que se possa ter

uma visão mais abrangente e homogênea sobre os reais impactos - positivos ou negativos - ocasionados pelas práticas ecoturísticas sobre os nativos da região.

No que concerne aos dados obtidos com a aplicação dos 80 questionários abertos à comunidade local, o tempo de moradia na cidade de Itacaré/BA apresentou percentuais bem próximos. As respostas "mais de 10 anos" (27,5%; n=22) e "apenas 1 ano" (25%; n=20) foram as mais expressivas, seguidas por "sempre morei aqui" (21,25%; n=17) e "há mais ou menos 3 anos" (16,25%; n=13). Por fim, a resposta de "há 5 anos" (10%; n=8).

Percebe-se que com a evolução da cidade e o crescimento da atividade turística nos últimos anos, o município recebe um maior número de residentes, os quais vêm em busca de melhoria de vida através do trabalho com o ecoturismo e novas oportunidades que possam surgir com o seu desenvolvimento.

Quando questionados sobre o conhecimento que possuem acerca do termo Ecoturismo, a Tabela 5 ilustra que a maioria detém uma quantidade insuficiente de informações específicas.

Tabela 5. Conhecimento do termo Ecoturismo por parte da Comunidade Local

Respostas	Número de Respostas (n)	Total (%)
Conheço parcialmente, pois trabalha (direta ou indiretamente) com tal segmento.	23	28,75%
Detém poucas informações.	21	26,25%
Não compreendo nada, mas sabe de conceitos que trabalham com o ecoturismo.	16	20%
Não ouvi nunca nada a respeito.	15	18,75%
Conheço bem, pois há leituras e pesquisas sobre o tema.	05	6,25%

A população em geral ainda não vive verdadeiramente o ecoturismo da cidade, alguns apenas observam e apreciam, mas não tem o conhecimento mais aprofundado acerca do assunto. Na verdade, a maioria dos moradores se coloca como "conhecedores parciais" e, isso faz crescer as incertezas de que a cidade não evolui no sentido de aprimoramento na difusão de informações necessárias à população.

Para ilustrar essa divergência de pontos de vista, se pode afirmar que para o membro

de uma comunidade de pescadores artesanais no sul de Cananéia, Estado de São Paulo, iniciando na atividade turística, a abordagem sobre o ecoturismo é distinta da usada pelo proprietário de um ecolodge na Amazônia que obtém retorno financeiro em longo prazo (DALE, 2005).

Barros (2000) faz uma alusão à África, mais especificamente a comunidade Massai na cidade do Quênia, a qual erroneamente considera o ecoturismo como o turismo de massa. Os Parques Nacionais do Quênia foram devolvidos para a comunidade dos nativos Massai e, assim, eles fizeram um contrato de concessão com um hotel da região. Este paga pouco pelo arrendamento das áreas naturais, comparando-se com a lucratividade que tem com seus hóspedes e o pagamento de cifras astronômicas pela possibilidade de ver, por exemplo, um leopardo ou elefante da janela do carro.

O autor supracitado enfoca que neste ganho por parte da comunidade local por tal concessão, os mesmos adquirem gados por entender que assim obtém riqueza e status. Cabe uma reflexão: será que os Massai não lucrariam mais com as práticas ecoturísticas bem feitas e atraindo os mesmos turistas que o hotel atrai?

Essa falta de conhecimento acerca do assunto pode ser explicada, por exemplo, pela falta de iniciativa com relação a projetos educativos e

de capacitação, os quais deveriam esclarecer ainda mais a temática para as populações locais. Dias (2003) esclarece que estes projetos permitem que o indivíduo ou uma sociedade construa valores, conhecimento, habilidades e atitudes voltadas para a conservação do meio ambiente, o qual se torna essencial à qualidade de vida e à sua sustentabilidade.

Quanto ao posicionamento - a favor ou contra - da comunidade local a respeito do desenvolvimento das práticas

Tabela 6. Posicionamento da Comunidade Local em relação ao Ecoturismo

Respostas	Número de Respostas (n)	Total (%)
A favor, por ser mais uma alternativa econômica para os moradores.	29	25%
Contra, pois faltam projetos educativos em geral (para a população e os visitantes).	18	22,5%
Depende, é preciso ver a matéria como está sendo feita e praticada.	14	17,5%
Contra, por causa do desmatamento/poluição da natureza e o lixo urbano.	12	15%
Contra, há um saudosismo de como era a vida antes do início do desenvolvimento turístico na cidade.	08	11,25%
A favor, pois há uma troca cultural de diferentes regiões.	05	6,25%
Sem saber opinar.	00	2,5%

ecoturísticas na cidade, observa-se que as opiniões se divergem, como mostra a Tabela 6.

Tal divergência de opiniões acerca do ecoturismo pode ser entendida pelo fato de que nem toda a comunidade está engajada nas atividades propostas, tanto que para alguns sujeitos o segmento é apenas uma forma de aumentar a renda familiar, ao passo que há indivíduos que tem posicionamento contrário por gerar danos ao município e à natureza do local.

Para Faria (2005), essas divergências são explicadas porque muitos membros da comunidade não aceitam que invadam seu espaço, principalmente se o mesmo antes oferecia tranquilidade aos moradores, o que contrapõe a alguns que vêem no desenvolvimento do setor uma forma de se obter renda e, há, ainda, aqueles que estão demasiadamente preocupados com a preservação do meio natural.

Figueiredo (2002, p. 62) ainda ressalta que se deve tomar cuidado com a "invasão cultural, evitar a geração de conflitos quanto aos pontos de vista, e essencialmente, realizar trabalho com as populações envolvidas e não para elas."

Assim sendo, pode-se imaginar que se os nativos tivessem mesmo uma participação mais efetiva nas inúmeras práticas que acontecem, esta contrariedade ao tema poderia ser relativizado em virtude de um maior envolvimento com as ações e, os benefícios positivos poderiam vir à tona com maior recorrência.

De acordo com a Tabela 7, no que se refere aos pontos positivos proporcionados pelas práticas ecoturísticas em Itacaré/BA, na visão da comunidade local, percebe-se que a questão econômica é um aspecto a ser ressaltado.

Alguns vêem o ecoturismo com bons olhos e acham que a cidade evoluiu muito enquanto um destino turístico brasileiro, destacando como positivo o aumento da renda familiar e a geração de empregos, entretanto há alguns sujeitos que consideram que nenhuma melhoria pode ser notada.

A depender da visão de cada morador e de sua relação com as atividades, a prática ecoturística torna-se algo positivo ou negativo. De acordo com as ideias de Rocha (2002), o segmento pode e deve ser estimulado para o desenvolvimento de municípios com tal potencial, podendo gerar aumento da renda e empregos, todavia não deve ser feito pensando apenas nas melhorias de infra-estrutura, qualificação da mão-de-obra, marketing promocional e articulações entre o poder público e o privado.

Torna-se necessário também pensar, sobretudo, na preocupação com a criação de um ambiente sociocultural que não marginalize a população local, nem a exclua das decisões e ações, principalmente em se tratando do seu espaço.

Quando mal planejado e sem gerenciamento ou fiscalização, o ecoturismo pode ser extremamente prejudicial à área

Tabela 7. Pontos Positivos do Ecoturismo em Itacaré/BA

Respostas	Número de Respostas (n)	Total (%)
Geração de empregos (formas e informal) e aumento da renda familiar.	17	21,25%
Maior número de visitas à cidade durante todo o ano, especialmente em feriados e alta temporada.	14	17,5%
Aumento do número de opções de lazer incluídas aos moradores (embora sejam criados para os turistas).	13	16,25%
Facilidade de acesso aos serviços públicos, melhoria das rodovias e ruas da cidade.	11	13,75%
Melhoria da cidade em infra-estrutura e serviços em geral.	10	12,5%
Possibilidade de conhecer pessoas de outras localidades.	08	10%
Não percebe nenhum ponto positivo.	07	8,75%

Tabela 8. Pontos Negativos do Ecoturismo em Itacaré/BA

Respostas	Número de Respostas (n°)	Total (%)
Aumento da violência, prostituição e uso de drogas pela comunidade e por turistas.	18	22,5%
Grande fluxo de pessoas, lotação urbana e restrição de trânsito.	16	20%
Turistas sem consciência ecológica.	13	16,25%
Poluição das áreas naturais e excesso de lixo urbano sem destino adequado.	10	12,5%
Aumento dos preços em geral.	10	12,5%
Empresários que preocupam somente com o lucro, sem olhar para a comunidade.	10	12,5%
Poucos apenas aspectos positivos para a cidade.	03	3,75%

visitada, causando diversos tipos de inconvenientes, como é possível visualizar na Tabela 8, onde a comunidade local enumera uma série de problemas que o Ecoturismo trouxe ao município.

Sem o devido planejamento não é viável implantar tal tipo de atividade, como exemplifica Seabra (2001), ao relatar as condições existentes no Parque Nacional da Chapada Diamantina, onde surgiu problemas para a população como especulação imobiliária, alta dos preços (inflação) e fechamento de postos tradicionais de trabalho para a população local. Para o referido autor, os problemas serão solucionados através de um projeto de desenvolvimento sustentável para a região, o qual não deve valorizar apenas a preservação do meio natural, mas também proporcionar o bem-estar e valorização das comunidades locais.

Rocha (2002) enfatiza que a implantação desse segmento da atividade turística deve servir como alternativa aliada para o desenvolvimento da região, esclarecendo que isso só será possível com medidas preventivas sérias e eficazes, a fim de evitar problemas relacionados ao turismo convencional como aumento da violência, prostituição e a criminalidade entre a população local.

Desta maneira deve-se pensar no caso da cidade de Itacaré/BA, a qual está em plena evolução turística, possui uma riqueza natural abrangente e que favorece o ecoturismo, porém está aquém de um desenvolvimento social qualitativo.

Como já discutido anteriormente, é necessário que haja o engajamento da população local nas atividades ecoturísticas empreendidas, seja viabilizando um emprego, gerando benefícios aos moradores e até mesmo ocorrendo cursos e/ou projetos que possam proporcionar à comunidade local as informações necessárias deste segmento turístico que, se bem planejado, pode render inúmeros aspectos positivos à mesma.

A Tabela 9 ilustra o interesse da população acerca do tema e o conhecimento e/ou participação em projetos que (não) existem na cidade de Itacaré/BA.

Os projetos são poucos e ineficazes, já que não tem duração de tempo suficiente para gerar conhecimento e, aqueles que ainda existem são direcionados para os moradores que já trabalham no setor. Por tal fato, a maioria da população que não atua na área não tem o conhecimento e tampouco participa de tais projetos.

Confrontando com os dados extraídos das entrevistas com os atores sociais, percebe-se que estes relatos muitas vezes incidem em futuras propostas e idealizações, contudo como ainda não "saiu do papel" propriamente dito, tal fato pode ser o gerador da falta de interesse por parte de uma parcela da população local.

Para Mikhailova e Mulbeier (2008), em seus estudos analisando o caso do Parque Estadual do Turvo, em Derrubadas/RS, há a percepção de que as informações transmitidas aos visitantes se limitam apenas

Tabela 9. Conhecimento de Projetos sobre Ecoturismo e Interesse no Assunto

Respostas	Número de Respostas (n°)	Total (%)
Não conhece nenhum projeto, mas gostaria de participar e conhecer o assunto.	15	18,75%
Já conheceu alguns projetos na cidade, mas há algum tempo, participou daqueles que ocorreram.	14	17,5%
Não conhece projetos, mas trabalha com o Ecoturismo na cidade.	12	15%
Conhece projetos que acontecem atualmente e participa das reuniões e ações realizadas.	11	13,75%
Conhece algum projeto, mas não participa e nem acompanha sobre o assunto.	10	12,5%
Não conhece nenhum projeto e não demonstra interesse no tema.	10	12,5%
Conhece pessoas que trabalham com Ecoturismo, mas não se vêem atuando neste segmento.	08	10%

a sugerir comportamentos que possam gerar mínimos impactos ao meio ambiente, não havendo informações com um maior conteúdo educativo que possam induzir o visitante a interagir mais qualitativamente com o meio ambiente visitado.

Percebe-se que no caso acima, talvez a inserção de programas educacionais e projetos que viabilizam uma maior capacitação técnica e prática aos moradores do entorno ao parque poderiam maximizar a relação do visitante com a natureza local, oferecendo-lhe mais qualidade nesse contato.

Os estudos realizados por Faria (2005) mostram que as comunidades indígenas e caboclas podem, por exemplo, ser inseridas no ecoturismo praticado no Amazonas, por meio dos artesanatos que devem ser incentivados na produção local, por meio da culinária e dos diversos pratos típicos a ser oferecidos, por meio da observação da fauna e flora um tanto quanto diversificada, por meio de trilhas interpretativas onde há a fusão do patrimônio natural e cultural, entre outros.

Desta forma e, refletindo nesta gama de possibilidades acerca do envolvimento das comunidades locais, se faz pensar em como a cidade de Itacaré/BA poderia (re) apresentar elementos culturais e naturais específicos da região, caso houvesse um ecoturismo praticado em bases sólidas e fidedignas, com a preconização correta dos princípios ecoturísticos e, atentando-se às maiores riquezas de uma determinada localidade, as quais podem ser compreendidas pela própria comunidade daquele lugar, assim como todo o entorno natural.

Considerações finais

A população de Itacaré/BA vive essa nova atividade econômica representada pelo mercado do ecoturismo, mas não conhece perfeitamente o assunto e seu

verdadeiro significado, faltando esclarecimentos corretos e destinados a todos, projetos de incentivos à participação comunitária, entre outros agravantes. Percebe-se que o município está aquém de ser um local onde haja a prática do verdadeiro ecoturismo, onde exista a plena valorização da cultura local, a conservação do meio natural e desenvolvimento econômico e sustentável para a região.

A relação entre os diferentes atores sociais e a comunidade local deveria ser mais intensa e participativa no que tange aos moradores de Itacaré/BA, os quais deveriam ter possibilidade de estar presente nas decisões que envolvem o ecoturismo na cidade, bem como expressar opinião a ser ouvida pelos gestores e administradores do segmento.

Notou-se que faltam alguns recursos importantes como uma fiscalização mais séria e coesa por parte de atores sociais, não há um envolvimento tão grande dos moradores com as práticas ligadas ao ecoturismo e assuntos importantes como a questão da sustentabilidade não é debatida e compreendida corretamente por indivíduos envolvidos no processo.

Mesmo com o crescimento do ecoturismo em nível nacional, como afirmam Rabinovici e Lavini (2005), raros são os destinos preparados para receber mais visitantes, uma vez que ainda não há certificação, poucos são os cursos para capacitação de mão-de-obra especializada, não há fontes de financiamento estáveis para o desenvolvimento dos pólos receptivos e quase não existem políticas públicas que incentivem e regulem o setor em expansão.

O ecoturismo implantado em Itacaré/BA foi feito de forma desorganizada, sem um planejamento adequado e que envolvesse os diferentes atores sociais e a própria comunidade nas discussões acerca da implantação do setor na localidade.

Devem-se investir novos esforços que possam minimizar a degradação ambiental já ocasionada, o descaso com o lixo urbano gerado na cidade, haver capacitação de jovens e adultos para trabalhar com as práticas, enfim, espera-se que com a presente pesquisa apontamentos e sugestões sirvam para futuros estudos e reflexões acerca de uma região bastante rica em diversidade natural e cultural, mas pobre em boa gestão e planejamento ecoturístico.

Nesta ótica, recorre-se à crítica proposta por Lombardo e Casella (2002), os quais afirmam a premência de se conhecer profundamente o meio onde será implantado o ecoturismo, bem como suas potencialidades e fragilidades, a fim de evitar ou minimizar o impacto sobre o mesmo. Deve-se preocupar não só com o rentável, mas também com o social e cultural para que não haja divergências de conceitos e ações desenvolvidas.

Havendo uma regulamentação da prática e um aumento de profissionalização do setor, é possível imaginar em um futuro próximo que o município de Itacaré/BA - tão rico em belezas naturais e culturais - possa ser um verdadeiro modelo ecoturístico, onde as pessoas possam desfrutar de suas atividades e de seus momentos de lazer de uma forma ainda mais qualitativa.

Referências bibliográficas

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições70, 2004.
- BARROS, S. M. **Turismo, Sociedade, Meio Ambiente e Ecoturismo**. In: LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. (Org.). *Turismo: teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 2000. p. 85-93.
- BARROS II, S. M.; DE LA PENHA, D. H. M. (Org.). **Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo**. Brasília, Embratur, 1994.
- BENNET, S. J.; FREIERMAN, R.; GEORGE, S. **Corporate realities and environment truths: strategies for leading your bussines in the environmental era**. Nova York: John Wiley & Sons, 1994.
- BERENSTEIN, S. G. **Ecoturismo e Comunicação: quem não se comunica se trumbica**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2002.
- COSTA, P. C. **Ecoturismo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- CEBALLOS-LASCURÀIN, H. **O ecoturismo como um fenômeno mundial**. In: KREG, L.; HAWKINS, D. E. (Org.). *Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão*. 3. ed. São Paulo: Senac, 2001. p. 23-29.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 6. ed. São Paulo: Futura, 2002.
- DALE, P. **Definindo Ecoturismo... Para quem? Para quem?** In: MENDONÇA, R.; NEIMAN, Z. (Org.). *Ecoturismo no Brasil*. 1. ed. Barueri: Manole, 2005. p. 02-16.
- DIAS, R. **Turismo Sustentável e Meio Ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003.
- DIAS, R.; AGUIAR, M. R. **Fundamentos do turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas: Alinea, 2002.
- FARIA, I. F. **Ecoturismo: etnodesenvolvimento e inclusão social no Amazonas**. Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, La Laguna, v.3, n.1, p. 63-77, 2005. Disponível em: <http://www.pasosonline.org>. Acesso em: 13 jan. 2008.
- FIGUEIREDO, L. A. V. **Ecoturismo e participação popular no manejo de áreas protegidas: aspectos conceituais, educativos e reflexões**. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo e ambiente: reflexões e propostas*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 55-66.
- KINKER, S. **Ecoturismo e Conservação da Natureza em Parques Nacionais**. 1. ed. São Paulo: Papirus, 2002.

- LOMBARDO, M. A.; CASELLA, L. L. C. **Turismo Ambiental: o caso de Bombinhas (SC)**. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo e ambiente: reflexões e propostas*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 89-97.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MATTOS, M. G.; ROSSETTO JÚNIOR, A. J.; BLECHER, S. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física: construindo sua monografia, artigo científico e projeto de ação**. São Paulo: Phorte, 2004.
- MEIRELLES FILHO, J. **O equilíbrio entre a atividade econômica e a sustentabilidade socioambiental**. In: MENDONÇA, R.; NEIMAN, Z. (Org.). *Ecoturismo no Brasil*. 1. ed. Barueri: Manole, 2005. p. 41-60.
- MENDONÇA, R.; NEIMAN, Z. (Org.). **Ecoturismo no Brasil**. 1. ed. Barueri: Manole, 2005.
- MIKHAILOVA, I.; MULBEIER, J. **Ecoturismo em unidades de conservação: um estudo de caso do Parque Estadual do Turvo, Derrubadas - RS**. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v.8, n.3, p. 01-21, 2008. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/>. Acesso em: 25 mar. 2008.
- OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.
- RABINOVICI, A.; LAVINI, C. **ONGs - Ecos de um turismo sustentável**. In: MENDONÇA, R.; NEIMAN, Z. (Org.). *Ecoturismo no Brasil*. 1. ed. Barueri: Manole, 2005. p. 105-130.
- ROCHA, G. O. R. **Ecoturismo na Amazônia: uma análise das políticas públicas planejadas pela Sudam**. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo e ambiente: reflexões e propostas*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 161-177.
- ROJAS, J. R. **Ecoturismo com base local em parque nacional, tarefa possible?** In: RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo e ambiente: reflexões e propostas*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 79-88.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SEABRA, G. **Ecos do turismo: o turismo ecológico em áreas protegidas**. Campinas: Papyrus, 2001.
- THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- WEARING, S.; NEIL, J. **Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades**. Barueri: Manole, 2001.
- WWF Brasil. **Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável**. Brasília: WWF Brasil, 2003.

Cronologia do processo editorial:

Recebimento do artigo:	20-mai-2009
Envio ao parecerista:	03-mar-2010
Recebimento do parecer:	10-mar-2010
Envio para revisão do autor:	11-mar-2010
Recebimento do artigo revisado:	13-abr-2010
Aceite:	18-mai-2010